

**POR ONDE RECOMEÇAR**  
**Notas da Introdução de Davide Proseri**  
**Na Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação**  
*La Thuile (AO), 26 de agosto de 2022*

- *Oh! vinde, Espírito Criador*

Bem-vindos! Agradeço pessoalmente a cada um de vocês por terem vindo aqui para passar estes dias juntos, reunidos do mundo inteiro, depois da crise da pandemia e num momento certamente delicado da história do Movimento.

Carrón também quis participar com uma mensagem, que me pediu que trouxesse para vocês e que agora vou ler:

«Queridos amigos, envio-lhes uma saudação cheia de afeto no início desta Assembleia Internacional de Responsáveis, que os reúne do mundo inteiro para darmos um novo passo no caminho aberto por Dom Giussani.

“As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação, da missão a que nos chama. Se o cristianismo é o anúncio do fato de que o Mistério se encarnou num homem, a circunstância na qual a pessoa toma posição a respeito disto diante de todo o mundo é importante para a própria definição do testemunho” (L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, Gênova: Marietti, 1999, p. 63).

Impressionou-me ver essa sugestão de Dom Giussani encarnada num grupo de doentes que encontrei recentemente. Fiquei tocado ao constatar que o dom do Espírito dado a Dom Giussani permite que os nossos amigos que sofrem e o seguem enfrentem a doença e até a morte seguros do amor do Pai, ao qual respondem na obediência abandonando-se a ele com uma letícia que surpreende aqueles que os veem viver assim esta circunstância do próprio caminho.

Nos nossos doentes eu vi resplandecer uma frase de Von Balthasar que tem me acompanhado nestes tempos: “A confiança original [de Jesus] no Pai, não ofuscada por nenhuma desconfiança, baseia-se na comunhão do Espírito Santo com o Pai e o Filho: o Espírito mantém viva no Filho a confiança imperturbável pela qual toda e qualquer disposição do Pai [...] sempre brotará do amor [do Pai], ao qual agora, pois que o Filho se tornou homem, será necessário obedecer com obediência humana” (H.U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, Casale Monferrato (AL): Piemme, 1991, p. 31).

Essa mesma “confiança imperturbável” é amadurecida em quem seguiu o encontro que marcou para sempre a nossa vida, imersos num lugar – a vida do Movimento – que tornou Cristo familiar para nós fazendo-nos experimentar, com Dom Giussani, que “a maior alegria da vida do homem é sentir Jesus Cristo vivo e palpitante nas carnes do próprio pensamento e do próprio coração” (“21 dicembre 1946”, in L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2007, p. 53).

Desejo-lhes que essa reunião no centenário do nascimento de Dom Giussani, para a qual vocês vieram do mundo inteiro, seja dominada pela gratidão ao Espírito por tê-lo dado a nós. Reconhecemos com simplicidade de coração que o dom do carisma do qual cada um de nós participa é para nos ajudar a viver qualquer circunstância na vida da Igreja com a consciência que São João Paulo II sempre apontava aos sacerdotes do Movimento: “Um movimento autêntico existe, portanto, como uma alma vivificante dentro da Instituição. Não é uma estrutura alternativa a ela. Pelo contrário, é fonte de uma presença que continuamente regenera sua autenticidade existencial e histórica. Desta forma, o sacerdote deve encontrar num movimento a luz e o calor que o torne capaz de fidelidade ao seu Bispo, que disposto a cumprir prontamente as incumbências da Instituição e atento à disciplina eclesial, de modo que seja mais forte a vibração da sua fé e o

prazer da sua fidelidade” (*Discurso aos sacerdotes de Comunhão e Libertação*, 12 de setembro de 1985).

Da mesma forma, cada um de nós é chamado a surpreender a fertilidade da nossa fé e o prazer da fidelidade ao Mistério presente, obedecendo a quem a Igreja nos indicou seguir agora, o Davide, para a unidade do Movimento, e dispondo-nos a acolher o que o Papa Francisco vai dizer-nos na audiência de 15 de outubro. Em todos estes anos eu busquei servir ao Movimento na responsabilidade que me fora entregue, sendo o primeiro a seguir os sinais do Mistério em ação na nossa grande Fraternidade. E agora desejo continuar servindo à nossa unidade como qualquer um de vocês.

“Nestes meses, que verificação você fez do convite a assumir em primeira pessoa a responsabilidade do Carisma? Que descobertas e quais questionamentos apareceram?” As perguntas que o Davide identificou para a AIR são decisivas para a nossa vocação. Da resposta que cada um de nós depende, de fato, a definição da missão a que o Senhor nos chama na Igreja e no mundo.

Vou oferecer meus dias por aqueles de vocês que conheço e pelos muitos que eu nunca encontrei, mas a quem sinto igualmente como amigos no caminho do Destino.

Seu companheiro de caminho, Julián Carrón.»

Agora vamos cantar juntos.

Canto: *La strada*<sup>1</sup>

O que me disponho a fazer agora não é uma simples introdução. Esta noite queria recapitular numa luz perspectiva todas as questões fundamentais que apareceram este ano no meio da dramaticidade dos eventos que vivemos, a fim de tentar reforçar a nossa consciência e a dos nossos amigos, aos quais vamos comunicar o fruto destes dias no que diz respeito ao que a circunstância presente, a nossa história e a Igreja nos pedem como tarefa nesta fase da vida do nosso movimento, e para nos darmos conta dos fatores que podem garantir melhor as condições para a continuidade desta história.

O trabalho que faremos nestes dias será precisamente a partir das coisas que vamos dizer esta noite e do que foi vivido este ano, dialogando entre nós para chegarmos a uma síntese que ajude os próximos passos. Então podemos considerar esta Assembleia Internacional de Responsáveis como um momento que tem uma missão histórica: vocês aqui têm uma missão histórica para o nosso movimento. Vou apresentar seis pontos.

## 1. A pergunta para recomeçarmos: a que estamos apegados?

“As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação.”<sup>2</sup> Foi o que acabamos de ouvir na mensagem do Julián.

Acho que essas palavras de Dom Giussani – palavras que temos repetido bastante nos últimos anos – ganham, à luz do momento que estamos vivendo como Movimento, um peso e uma intensidade particulares. Com efeito, se olharmos para o ano que passou, não podemos deixar de reconhecer (penso que todos concordemos com isto) que as circunstâncias pelas quais Deus nos fez passar foram tão grandes, que abalaram o barco da nossa companhia, chegando a suscitar em muitos confusão e desconcerto, em alguns também amargura e até raiva. Então urge perguntarmo-nos, como nunca antes: em que sentido *esta circunstância específica* por que estamos passando é fator essencial *da nossa vocação*, isto é, contém uma palavra que o Mistério nos quer dizer, um apelo, um chamado que o Mistério nos faz? O que o Mistério nos quis dizer com tudo o que aconteceu, e que resposta nos pede?

<sup>1</sup> C. Chieffo, “La strada”. In: *Canti*, Milão: Soc. Coop. Ed. Nuovo Mondo, Milano 2014, p. 241.

<sup>2</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*. In *cammino*. Gênova, Marietti 1820, 1999, p. 63.

Tenho certeza de que cada um de vocês amadureceu ou está amadurecendo uma resposta pessoal própria a estas perguntas, e espero mesmo que o fruto desse trabalho possa aparecer nas assembleias que vamos fazer juntos, de modo a enriquecer a todos, quer se trate de respostas obtidas, quer de perguntas ou perplexidades ainda vivas. Estamos aqui para nos ajudar a caminhar em frente, e nenhum de nós – eu muito menos – já tem todas as respostas na manga.

Dito isto, queria começar destacando uma primeira resposta basilar, que é esta: em tempos de tempestade, quando tudo parece flutuar, somos obrigados a nos perguntar em que é que estamos realmente agarrados, em que é que se apoia a nossa esperança. Padre Lepori nos lembrou isso com seu jeito tão potentemente evocativo, quando, no fim da segunda palestra dos Exercícios da Fraternidade, pintou diante dos nossos olhos a imagem de São Paulo, que, enfrentando o naufrágio do barco onde estava, entendeu que para salvar a todos os seus companheiros junto consigo mesmo só podia fazer uma única coisa: ficar agarrado a Cristo: “Paulo agarra-se à Presença d’Aquele que é toda a sua consistência. E fica tranquilo e alegre, sem nem um pingo de medo, porque lhe basta Jesus, o Ressuscitado”.<sup>3</sup>

Esta me parece, portanto, a primeira grande palavra que o Senhor nos disse e nos está dizendo por meio dos “recentes abalos” infligidos ao barco da nossa companhia, uma palavra que na verdade é uma pergunta: “Ao que é que vocês estão *realmente* agarrados?” Ou mais precisamente: “O que *em absoluto* é mais caro para vocês na experiência do Movimento?” Não usei palavras aleatórias: é a mesma pergunta que o imperador fez aos cristãos na famosa passagem do Anticristo de Soloviev: “Homens estranhos [...] Dizei-me vós mesmos, ó cristãos, [...] o que vos é mais caro no cristianismo?” Levantou-se, então, o *starets* João e respondeu com doçura: ‘O grande rei, o que nos é mais caro no cristianismo é o próprio Cristo. Ele próprio e tudo o que d’Ele vem’”.<sup>4</sup>

Parafrazeando as palavras do *starets*, penso que nós também devemos dizer: o que temos de mais caro no Movimento é Aquele que é origem, fonte e consistência desta vida – Jesus Cristo. Se somos tão afeiçoados a Dom Giussani – e o somos obstinadamente! –, é justamente porque ninguém como ele nos tornou Cristo tão familiar, nos fez experimentar a correspondência entre a realidade de Cristo e a espera profunda do nosso coração, da nossa humanidade. Do mesmo modo, se somos tão afeiçoados a todos os filhos de Giussani que nos introduziram na experiência do carisma de CL – penso aqui não só no Julián, a quem aproveito o ensejo para agradecer a mensagem que nos mandou, mas também nos muitos homens e mulheres que deram a vida para comunicar a outros a beleza do encontro feito (quero citar, para ficar no âmbito dos servos de Deus, Enzo Piccinini e Andrea Aziani) e que a estão dando agora –, é porque por meio deles, de seus olhos e sua voz, pudemos encontrar o olhar e a voz d’Aquele que mudou a vida deles, que em última análise foi aquele homem de Nazaré, o único que pode dizer de si mesmo: “Eu sou a Vida da tua vida”.

## 2. “Cristo, Vida da vida”: no coração do Acontecimento que nos tomou

Em Dom Giussani, nós não encontramos apenas um homem extraordinário. Sem dúvida – quem o conheceu sabe muito bem – ele *também* foi isso. Mas nós não estamos aqui hoje *por causa* disso. Nós estamos aqui porque esse homem – certamente por meio e com a ajuda de tudo o que ele era: temperamento, sensibilidade, inteligência, olhar, voz – soube comunicar-nos ao menos algo do maravilhamento de que ele vivia, aquele maravilhamento que, quando ele falava – muitos de nós se lembram –, era como se transbordasse dos olhos: o maravilhamento comovido que ele vivia diante do acontecimento de Cristo, sentido e reconhecido como satisfação da sede infinita de verdade, beleza e amor, vida que ardia em seu coração, e portanto como fonte de um olhar cheio de piedade comovida ante o mistério do coração de quem quer que ele encontrasse. Permitam-me reler mais

<sup>3</sup> M.G. Lepori, *Cristo, vida da vida*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2022, pp. 60-61.

<sup>4</sup> V. Soloviev, *Breve conto sobre o Anticristo*.

uma vez as palavras com que o próprio Dom Giussani descreveu o dia, o momento em que o acontecimento de Cristo investiu e mudou para sempre a sua vida:

“Como escreveu Camus em seus Cadernos: ‘Não é à força de escrúpulos que alguém se torna um grande homem. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia’. Para mim, tudo aconteceu como a surpresa de um ‘belo dia’, quando um professor do primeiro ano do colégio – eu tinha 15 anos – leu e explicou a primeira página do Evangelho de São João. Era obrigatório ler aquela página ao final de cada missa; eu a tinha ouvido milhares de vezes, então. Mas aconteceu o ‘belo dia’: tudo é graça. Como diz Adrienne von Speyer, ‘a graça nos inunda. Isso constitui a sua essência [a graça é o Mistério que se comunica; a essência do comunicar-se do Mistério é que nos inunda, nos invade]. Ela não esclarece ponto por ponto, mas irradia a sua luz como o sol’. [...] Após 40 anos, lendo esse trecho de Von Speyer, percebi o que me aconteceu quando o professor explicou a primeira página do Evangelho de São João: ‘O Verbo de Deus, ou melhor, aquilo de que tudo consiste, fez-se carne’, dizia, ‘então a beleza se fez carne, a bondade se fez carne, a justiça se fez carne, o amor, a vida, a verdade se fez carne: o ser não está num hiperurânio platônico, fez-se carne, é uma pessoa entre nós’. [...] Bem, isso é tudo. Pois a minha vida desde muito jovem foi literalmente invadida por isto: seja como memória que persistentemente tocava meu pensamento, seja como estímulo para um resgate da banalidade cotidiana. O instante, desde então, não foi mais banalidade para mim.”<sup>5</sup>

Pois bem, o carisma que nos conquistou tem a ver primeiro e antes que tudo com a experiência que Dom Giussani contou aqui. Claro, poderíamos passar horas descrevendo em detalhes a excepcionalidade da personalidade humana dele, e também é importante fazê-lo, se for verdade que o carisma do Movimento não existe abstratamente, mas que é comunicado a nós através da humanidade e até do temperamento<sup>6</sup> de um homem específico. Ao mesmo tempo, percebo cada vez mais que é como se a palavra “carisma” contivesse uma ambiguidade, pelo menos aos olhos de um leigo como eu e da maior parte de nós aqui presentes, que não comemos pão e teologia no café da manhã. De fato, na linguagem comum, quem tem “carisma”, um “carismático”, é alguém que arrasta, um líder nato, alguém que sabe fascinar. É claro que na palavra “carisma”, como a usamos entre nós, também está contida essa ideia. De fato, a palavra “carisma” indica, na acepção giussaniana e, acrescento eu, eclesial do termo, um jeito específico de viver, sentir, dizer e comunicar a fé da Igreja, que, justamente pela tônica que lhe é própria, agrega, mostra-se atraente e, portanto, gera um povo.<sup>7</sup> Mas justamente: o que em última instância é decisivo aqui não é tanto o fascínio da personalidade excepcional do “carismático”, e sim o *fascínio de Cristo* que a pessoa do carismático, também mediante e graças à força atrativa que lhe foi dada, sabe despertar em quem o encontra e o segue. Pode parecer óbvio, mas vale a pena repetir. Como disse o então cardeal Ratzinger, em sua memorável homilia por ocasião do funeral de Dom Giussani, se nós o veneramos tanto assim, isso é paradoxalmente graças ao fato de que, ao pensarmos neles, pensamos num homem que gastou toda a sua vida para nos guiar não até ele mesmo, mas até Cristo, aquele homem de Nazaré que lhe enchia os olhos de lágrimas quando ele falava d’Ele. Com efeito, disse Ratzinger:

---

<sup>5</sup> L. Giussani, “Come nasce un movimento”. In: Idem, *L’avvenimento cristiano: Uomo Chiesa Mondo*, Milão: Bur, 2003, pp. 31-33.

<sup>6</sup> Cf. Idem, *Dal temperamento un metodo*. Milão: Rizzoli, 2002.

<sup>7</sup> Cf. Idem, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 114-115. A respeito disso, disse-nos o padre Lepori nos Exercícios da Fraternidade: “Se refletirmos bem, vemos que no fundo todo carisma eclesial é uma modalidade específica, uma encarnação específica da transmissão ao homem do chamado de Cristo à liberdade, para que quem é alcançado por ele possa levantar-se, como Maria de Betânia, de sua dor muda para chegar à presença do Ressuscitado [...]. Cada carisma, para quem está envolvido nele, carrega o fascínio desse chamado, fascínio porque corresponde a tudo o que meu coração deseja mesmo sem saber. O carisma que Deus escolheu para você é aquele em que esse chamado lhe chega com mais beleza, concretude e verdade” (M.G. Lepori, *Cristo, Vida da vida*, op. cit., pp. 54-55).

“Tendo guiado as pessoas não para si mesmo, mas para Cristo, ganhou justamente os corações, ajudou a melhorar o mundo, a abrir as portas do mundo para o céu”.<sup>8</sup>

### 3. Do fascínio de um encontro ao juízo da fé

Quero ainda deter-me um pouco neste ponto, pois considero que tem implicações mais profundas do que o que possa parecer, não só no nosso modo de entender o que é o carisma, na sua função, no propósito pelo qual o Mistério o suscitou e nos fez encontrar, mas também na nossa forma de entender o conteúdo da experiência que queremos ajudar-nos a viver.

Em primeiro lugar, como aprendemos,<sup>9</sup> o carisma foi e é para cada um de nós, no nível existencial, o modo concreto pelo qual o acontecimento de Cristo nos revestiu, tornou-se interessante e relevante na nossa vida. Pode-se dizer que o carisma é o rosto humano pelo qual o acontecimento de Cristo nos veio ao encontro, fascinando-nos. No início está o encontro com o fascínio de uma presença humana diferente, que misteriosa e também irresistivelmente corresponde ao coração, sem que se saiba dizer por quê. Quantas vezes Dom Giussani nos ajudou a compreender a importância decisiva desse início na dinâmica da fé, ajudando-nos a nos identificarmos – com aquela sua agudeza de penetração psicológica – na experiência que João e André fizeram no primeiro encontro com Jesus.<sup>10</sup>

Mas esse fascínio inicial é só o *início*, o ponto de partida de um caminho, e não o *ponto de chegada*. Melhor, nesse início já está tudo, mas na forma de uma semente que precisa desenvolver-se, precisa amadurecer, precisa atingir a consciência explícita do conteúdo do fascínio experimentado, isto é, *das razões do fascínio*. Quantas vezes Dom Giussani afirmou o fato de que os próprios discípulos, mesmo certos desde o começo de terem encontrado o Messias,<sup>11</sup> ainda não tinham entendido grande coisa de *Quem* Jesus realmente era e do que realmente queria dizer que Ele era o *Messias*. Até para eles, que tinham encontrado a humanidade mais excepcional que jamais aparecera na face da Terra, o “Sinal dos sinais”<sup>12</sup> – como o chamava Giussani –, até para eles, que estavam na frente da humanidade do Filho de Deus em pessoa, foi necessário um caminho – um caminho composto também de correções, de demolição das suas interpretações parciais – para chegarem enfim, graças à ajuda do Espírito, a um juízo de fé maduro, aquele juízo de fé que fez São Paulo dizer: “Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus que me amou e se entregou por mim”.<sup>13</sup>

Se não chegamos até aqui, se o fascínio humano de quem encontramos não nos leva até aqui, ou seja, até conhecermos cada vez melhor e tratarmos cada vez mais familiarmente aquele “homem loiro”<sup>14</sup> – como Giussani ousava chamá-Lo, quase dando-nos a percepção viva dos traços inconfundíveis da pessoa de Jesus –, aquele homem que é Deus feito homem “*para mim*”, então é como se esse mesmo fascínio errasse o alvo. Permitam-me ler ao menos uma das tantas passagens em que Dom Giussani descreve este itinerário:

“O encontro – do qual parte a imagem persuasiva de Cristo, em que intuímos que Cristo é algo que é pertinente à vida, que interessa à vida – se dá com uma companhia ou mesmo com uma única

<sup>8</sup> J. Ratzinger, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*. Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 1219.

<sup>9</sup> “O carisma é modo como o Acontecimento o alcança. Você é um paralítico; ele o alcança, e você, por toda a sua vida, partirá daquela lembrança; sem se dar conta, você partirá daquela lembrança: o seu rosto, o seu caráter, será plasmado, isto é, o seu caráter será potencializado, evidenciado, por aquela lembrança. [...] E o carisma o alcança sempre por meio das palavras, um discurso, por meio – mais precisamente – de um encontro. Um encontro: você encontrou esta companhia; esta é a modalidade com que o mistério de Jesus [...] bateu na sua casa.” (L. Giussani, “Dentro daquele olhar”, *Passos*, n. 55, out. 2004).

<sup>10</sup> Cf. Idem, “Reconhecer Cristo”, *Litterae Communionis*, jan.-fev. 1995, pp. XVIII-XXIII. Disponível em [clonline.org](http://clonline.org).

<sup>11</sup> Jo 1,41.

<sup>12</sup> Cf. “O Sinal dos sinais”, *Passos*, mar. 1998. Disponível em [clonline.org](http://clonline.org).

<sup>13</sup> Gl 2,20.

<sup>14</sup> L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Milão: Bur, 1999, p. 141.

pessoa, não na medida em que você entende que Cristo está lá dentro, mas na medida em que faz você dizer: ‘Mas como é que estas pessoas são assim?’ É num segundo momento que, ao ouvi-los dizer: ‘O Senhor está entre nós, por isso somos assim’, você começa a entender que talvez seja verdadeiro o que dizem. [...] Assim, encontra-se uma companhia e diz-se: ‘Veja só como são esses daqui!’ E esses daqui dizem: ‘Jesus Cristo está aqui, você precisa receber a Comunhão’, e a pessoa recebe a Comunhão para ir com eles, e começa a ouvir, e ouvindo e ouvindo diz a certa altura: ‘Ah! Então deve ser assim mesmo, existe algo além’. Então ocorre a passagem – e aí se não ocorre –: esse algo além passa a assumir uma imponência que supera até a da companhia; então a companhia se torna estável, segura. Portanto, você começa esse caminho encontrando um colega, uma colega, ou vendo um grupinho que tem algo interessante, e vai atrás. E ouve esses dizerem que o que têm de interessante é porque ‘O Senhor está entre eles’; e você vai atrás, meio curiosa, mas sem estar definida por essa coisa, sem estar determinada por essa coisa. A certa altura, porém, esse apelo aumenta [...]; e você fica mais tocada pelo fato de as pessoas dizerem: ‘Olha, nós estamos juntos por causa daquilo ali’. Este é um salto qualitativo em relação à impressão inicial; então você começa a levar a sério: enquanto antes não ia receber a Comunhão, agora vai receber a Comunhão todos os dias ou passa a rezar todos os dias. Quanto mais você segue com continuidade essa evolução, mais Jesus se torna mais importante do que os rostos reunidos. Aliás, torna-se tão importante, que você entende que sem isso os rostos desapareceriam e você ficaria ‘de saco cheio!’ [...] A companhia diz: ‘Estamos juntos por isto aqui’; a pessoa não leva isso a sério e se satisfaz com a companhia, gosta da companhia; não olha para esta motivação. Depois de um tempo, juro que deixa até a companhia! Porque uma realidade sem motivo adequado desaparece. O motivo adequado da nossa companhia é algo além.”<sup>15</sup>

As últimas palavras desta citação de Giussani me parece ajudarem a pôr em foco a importante inversão negativa da questão. Ou seja: é normal que, no início, o sinal fascinante pelo qual o Mistério veio ao meu encontro seja mais afetivamente imponente, mais afetivamente envolvente do que o próprio Mistério de que o sinal é sinal. Porém, se *com o tempo* as coisas não mudarem, se não ocorrer essa passagem que Giussani descreve aqui, a passagem pela qual “Jesus se torna *mais importante* do que os rostos” daqueles a quem eu devo a vida (pois me levaram a Ele!), então os problemas começam. É como se eu, que tenho 50 anos, me obstinasse em querer viver com minha mãe o mesmo tipo de relacionamento que eu tinha com ela quanto tinha 2 ou 3 anos. É normal que para uma criança de 2 anos a mãe seja tudo. Mas se continha sendo igual quando a criança virou um adulto de cinquenta anos, como eu, então significa que algo no processo educativo deu errado.

Quantas vezes Dom Giussani nos alertou para a séria possibilidade desse deter-se no fascínio do sinal! Claro, ele sempre nos repetiu que é no sinal que se encontra o Mistério, a ponto de dizer – expressão vertiginosa! – que “sinal e Mistério coincidem”<sup>16</sup> Mas dizer que *co-incidem* significa dizer que *incidem juntos*, isto é, que Ele me vem ao encontro *através* do outro, não que são *idênticos*. Se se perde de vista o fato de haver entre sinal e Mistério não apenas semelhança e participação, mas também diferença – aliás, uma diferença *infinita* –, então o sinal deixa de sê-lo e vira ídolo. O sinal é sinal se me leva além de si, se me pega pela mão e me leva a conhecer e amar cada vez mais aquele Mistério, aquele Jesus Cristo de que a companhia é o sinal – para usar outra expressão famosa de Giussani – “insatisfeito, aproximativo, analógico”.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Idem, “*Tu*” (*o dell’amicizia*). Milão: Bur, 1997, pp. 175-176.

<sup>16</sup> Entre as muitas falas em que Giussani falou deste tema, veja-se, por exemplo: Idem, “Todas as coisas: Mistério e sinal”. *Passos*, jul. 1999; vide também Idem, *Affezione e dimora*. Milão: Rizzoli, 2001, pp. 239-259.

<sup>17</sup> “Fiquemos atentos para o fato de que Jesus entre nós pode ser a origem de todo um mundo de humanidade, cheio de alegria e de amizade, de razões formalmente irrepreensíveis e de ajuda não só formal, mas também materialmente concreta que ele pode nos dar [...], mas Jesus poderia ser reduzido ao ‘retrato de uma bela mulher esculpido sobre o monumento sepulcral da mesma’. Se Jesus chegasse aqui em silêncio – *softly* – e se sentasse numa cadeira ali, perto dela, e todos a certa altura se dessem conta disso, não sei em quantos o espanto, a gratidão, a alegria... não sei em quantos a afeição seria realmente espontânea, mesmo conservando uma certa consciência de si. Não posso querer bem sem que essa notificação, memória e adoração e obediência e discipulado e seguimento e olhar ávido por aprender e vontade de sacrifício até à morte com que penso em ti, te olho, te sigo, sem que tudo isso se torne concreto, tão concreto

Neste sentido, o texto que acabei de citar me marcou também por causa de outra menção, que acho preciosa: que quer dizer que o sinal humano, mediante seu fascínio, enquanto me atrai para si, ao mesmo tempo me direciona para além de si, me lança para uma realidade que o excede, para o próprio Cristo? Claro, quer dizer várias coisas, não quero ficar fazendo uma lista aqui. Mas me marcou que Giussani aqui menciona a comunhão, a Eucaristia: “Enquanto antes não ia receber a Comunhão, agora vai receber a Comunhão todos os dias”.<sup>18</sup> Essa menção me marcou, porque é como se tivesse lançado uma luz mais clara sobre essa relação entre sinal e Mistério, entre fascínio do carisma e relacionamento com Cristo, da qual estamos falando. Com efeito, o que há de excepcional em comer um pedaço de pão? Aparentemente nada. E mesmo saber que esse pedaço de pão é o corpo de Jesus Cristo, como a Igreja sempre ensinou, acho que teria muito pouca influência em mim, suscitaria muito pouco interesse, curiosidade, comoção em mim, se eu não tivesse feito um encontro que tornou esse Jesus Cristo uma presença viva na minha vida – tornando assim interessante, aliás, vital, até aquele pedacinho minúsculo de pão que eu ingiro quando recebo a Comunhão.

Foi o encontro com o carisma do Movimento que tornou Cristo familiar a mim. Por isso eu devo tudo a Dom Giussani e ao Movimento, literalmente. Ao mesmo tempo, quanto mais progrido, mais entendo que há como um outro lado da moeda, que não é menos importante do que acabei de dizer. Eu formularia assim: qual Cristo tornou o encontro com o carisma familiar para mim? O Cristo de Giussani? Existe um Cristo de Giussani – ou um Cristo do Movimento, um Cristo de que é possível fazer experiência independentemente da Eucaristia, ou do ensinamento sobre Ele que me vem da Igreja? Evidentemente não, evidentemente o Jesus por que Giussani me fez ficar apaixonado é o Jesus que encontro da maneira mais poderosa e eficaz exatamente na Eucaristia, mesmo quando o padre que a distribui seja a pessoa mais antipática ou mais mesquinha que eu conheça.<sup>19</sup>

Portanto não há nenhuma oposição – o próprio Dom Giussani nos ensinou isso,<sup>20</sup> e Carrón nos lembrou em sua mensagem, que li no início – entre o amor ao carisma que encontramos e a estima em relação a tudo o que podemos chamar de *dimensão institucional* da Igreja, o que inclui não só o magistério autorizado do Papa e dos bispos, mas também as fontes objetivas da experiência e do

---

que tu sejas, ó Senhor, aquele a quem eu amo: Tu és, Senhor, aquele a quem eu amo. ‘O que o homem deseja mais fortemente que a verdade?’ O que é a verdade? Um homem presente, um homem presente: não pode ser dilapidado ou corroído pela maneira bela e alegre como se apresenta a companhia de rostos que deveria ser um sinal esboçado d’Ele! Isso ocorre quando se diz ‘Tu’ a Ele de verdade, com toda a consciência do *eu*: quanto mais se tem consciência de si, mais forte, grande, verdadeira, simples e pura é a devoção a Ele [...]. Tal companhia é o sinal – insatisfeito, aproximativo, analógico, porque o sinal é todas estas coisas – de uma realidade do outro mundo! [...] A presença de Cristo no mundo é o milagre da nossa companhia. Mas isto é a ponta do *iceberg* de um sinal que ‘se aprofunda onde é mais verdadeiro’ ou, melhor, é a ponta de um sinal que em todo o resto naufraga no significado comum, em todo o resto naufraga na naturalidade comum. Por isso, quanto mais se quer bem intensamente, preferencialmente – enfim, onde o bem é dizer ‘eu’ com um ímpeto que os demais desconhecem, ou dizer ‘tu’ com um ímpeto que os demais desconhecem –, não se trata de amortizar o peso da nossa amizade, de tornar nebulosa a eficácia repleta de olhos, de lábios e de rosto, de palavra, de canto, de coração de uma companhia bela como esta, mas é como uma espécie de tensão exasperada – de tudo o que eu nomeei e que forma a nossa companhia – a gritar o teu nome, ó Cristo: ‘Obrigado, porque Te mostraste e Te sentaste aqui’ (L. Giussani, “A me pare che non cerchino Cristo”. In: *L’attrattiva Gesù* op. cit., pp. 150-153).

<sup>18</sup> Idem, “*Tu*” (ou da amizade), op. cit., p. 176.

<sup>19</sup> Lê-se na carta *Iuvenescit Ecclesia*: “Afirmou João Paulo II: ‘Os verdadeiros carismas não podem senão tender para o encontro com Cristo nos Sacramentos’” (Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 12). Veja-se também: “Vejo-me outra vez obrigado a confiar-lhe, Santidade, com o coração vibrando como nunca, a mais profunda emoção despertada por aquele que foi o juízo mais claro e pleno de autoridade sobre esta nossa experiência de cinquenta anos; o juízo a que me refiro é o que Vossa Santidade pronunciou, na carta que me enviou em 11 de fevereiro de 2002, por ocasião do vigésimo aniversário do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação, quando escreveu: ‘O movimento quis e deseja indicar não um caminho, mas o caminho para alcançar a solução do drama existencial do homem. O caminho é Cristo’. Eu não apenas nunca pretendi ‘fundar’ nada, como considero que a genialidade do movimento que vi nascer é ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de um retorno aos aspectos elementares do cristianismo, ou, em outras palavras, a paixão pelo fato cristão enquanto tal, em seus elementos originais, e nada mais” (L. Giussani, “Página Um”, *Passos*, n. 49, abr. 2004).

<sup>20</sup> Dom Giussani faz um longo e importante aprofundamento sobre este tema em *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 114-115.

conhecimento de Cristo, das quais a Igreja é guardiã: a palavra de Deus e os Sacramentos. Não há oposição, disse eu, porque a graça do carisma que nos revestiu não substitui nem tampouco deveria levar a desprezar o valor desses outros “sinais” ou “instrumentos”, desejados pelo próprio Senhor como caminho seguro para Ele. Antes, deveria dar-nos olhos capazes de apreciar *cem vezes mais* o valor desses instrumentos. Por exemplo, eu não acho que nunca teria tido vontade de ler os Evangelhos ou as cartas de São Paulo, e não tivesse ouvido Giussani ler e comentar o Evangelho – meu primeiro e verdadeiro encontro se deu quando ouvi Dom Giussani ler o Evangelho de João nos Exercícios do CLU –. Mas isso não significa que a palavra de Giussani esteja para mim acima da palavra de Deus. Significa, antes, que ele foi e é quem mais me ajudou e ajuda a penetrar o sentido da palavra de Deus, quem a tornou interessante e compreensível para mim. O mesmo vale para muitas outras coisas – penso na oração, no prazer da amizade, do juízo cultural, enfim, tudo o que é a nossa experiência: são todas elas dimensões que pertencem à vida da Igreja enquanto tal, mas que o encontro com o carisma me ajudou a compreender e viver de um jeito fascinante para mim.

Passo assim ao próximo e penúltimo ponto. Vou usar uma expressão que estava na moda há 25 anos e que depois se perdeu um pouco.

#### 4. Coessencialidade de instituição e carisma

Quero ser franco: se quis insistir naquilo que chamei de lado negativo da questão, com um tom propositalmente mais forte, é porque nos meses passados, tendo tido a ocasião e andar pelas comunidades e tendo recebido muitas cartas de membros da Fraternidade, tive que notar – inclusive com alguma tristeza – que, para alguns entre nós, falar da Igreja institucional, a Igreja do Papa e dos bispos, significa falar de uma superestrutura que sobrecarrega a vida com regras e ensinamentos que pouco ou nada teriam que ver com a experiência vivida da fé, com a experiência vivida do carisma. É como dizer: de um lado está a vida, a experiência vivida de Cristo, que se faz graças ao fascínio de “*presenças carismáticas*” que nos atraem e ajudam a viver; do outro está a autoridade institucional da Igreja, com suas normas e suas indicações doutrinárias, que pouco ou nada têm que ver com a vida – embora, é claro, seja preciso obedecer de má vontade, porque afinal somos todos católicos! Bem, eu acho que temos de nos ajudar a superar essa dicotomia na raiz, quer seja ela consciente ou inconsciente, pois é justo aqui, ao menos é assim que me parece, que se enraíza a dificuldade de muitos de nós em entender o passo de maturidade que a Igreja nos vem pedindo. É uma das tarefas que temos neste momento.

Vou tentar dizer assim: o problema aqui não é tanto um excesso de ênfase no elemento carismático, quase como se fosse errado insistir no fato de que a experiência do carisma se reforça e cresce ao seguir presenças autorizadas, que nos atraem em virtude da maturidade com que vivem o mesmo carisma. Isso é justo e sacrossanto, aliás, tudo começou assim. Nós dissemos isso muitas vezes, e acabamos de reafirmar: o cristianismo se comunica por atração. O problema, penso, está mais em considerar este fator – o fator atratividade, digamos assim – como o único que conta, o único que merece atenção, quase como se só ele contasse na alimentação da nossa relação com Cristo, e considerar o nosso gosto pessoal – ainda que às vezes o chamemos de “correspondência ao coração” com aceção meio aproximativa – como o único critério para estabelecer aquilo que é a voz de Cristo e o que não é. Pois então, permitam-me dizer: pensar isso não pode ser senão um engano, uma mentira, no mínimo pelo fato de que, como dissemos antes, o Cristo pelo qual nos apaixonamos graças ao carisma dado a Giussani não é o Cristo da sua imaginação nem tampouco o da *nossa* imaginação, o Cristo das nossas interpretações, mas o Cristo que entregou Sua presença real na história e o testemunho verdadeiro sobre Ele a Simão Pedro e aos apóstolos, justamente a realidade que chamamos de “Instituição”.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Lê-se na *Iuvenescit Ecclesia*: “O dom do Espírito na Igreja está ligado à missão do Filho, consumada plenamente no seu mistério pascal. [...] Por isso, o Espírito Santo não pode, seja de que forma for, inaugurar uma economia diversa à do Logos divino encarnado. [...] A relação originária entre os dons hierárquicos, conferidos pela graça sacramental da



Chegamos assim a tocar um dos temas centrais sobre os quais somos chamados, no tempo que virá, a refletir um pouco mais a fundo do que fizemos até agora: refiro-me ao tema da *coessencialidade* – para usar a famosa expressão de João Paulo II, retomada depois pelo papa Bento XVI e enfim pela carta *Iuvenescit Ecclesia* – entre elemento institucional e elemento carismático na vida da Igreja.

Permito-me, em primeiro lugar, frisar que se trata de uma questão nada abstrata e distante da vida e da experiência que vivemos no Movimento. De fato, estando nós conscientes disso ou não, a forma como nós concebemos essa relação entre função da autoridade no sentido institucional do termo e função da autoridade no sentido carismático do termo determina *de fato* (e em medida relevante) o significado que nós damos a duas palavras que têm um peso central na experiência que queremos ajudar-nos a viver: a palavra “seguir” e a palavra “autoridade”.<sup>22</sup> Que quer dizer *seguir a autoridade*? Esta é a questão verdadeira e central sobre a qual a Igreja nos pede um passo de *consciência crítica*, para voltarmos a olhar profundamente para toda a nossa experiência.

Em resumo, o que se entende com coessencialidade de dons hierárquicos e carismáticos (para usar a terminologia da *Iuvenescit Ecclesia*)?

Para não me alongar muito – espero termos oportunidade de aprofundar –, queria fazer apenas três destaques sintéticos, que pretendem mais abrir do que fechar a discussão, ou, se quiserem, pretendem oferecer pontos de reflexão.

Primeiro destaque: por coessencialidade entende-se o fato de que dons hierárquicos (autoridade institucional) e dons carismáticos (os carismas que Deus distribui a quem quiser *ad utilitatem* para a edificação da Igreja) são “reciprocamente relacionados desde a sua origem”.<sup>23</sup> Aqui estamos dizendo que carismas e instituição não só não estão contrapostos – atenção –, como também não estão simplesmente justapostos, como se cada um desse frutos independentemente do outro, paralelamente. Como se alguém dissesse: “Sim, na Igreja existem os dois, os dois são necessários, instituição e carisma, mas cada um age e edifica o povo cristão por conta própria, independentemente do outro”. Não, coessencialidade significa que cada um pode dar frutos apenas – apenas! – em comunhão com o outro, em sinergia com o outro, com a ajuda do outro. A instituição, que é a Igreja do Papa e dos bispos, precisa ser alimentada e ajudada pela força dinâmica e profética dos carismas (lembrem-se, para quem a ouviu, da fala do Cardeal Marc Ouellet no congresso sobre os movimentos de junho passado?),<sup>24</sup> para dar frutos em sua missão. Por outro lado, os carismas não podem realmente dar frutos se não se puserem a serviço da Igreja guiada por Pedro, se não se deixarem guiar e corrigir.<sup>25</sup>

Assim, cada elemento precisa do outro, nenhum dos dois – poder-se-ia dizer – dá fruto *“solitariamente”*, como se, para ser eficaz, precisasse apenas da graça que lhe chega diretamente de Deus: não, cada um – atenção, a Igreja diz: até o Papa – precisa da *ajuda* de outros homens como ele para fazer com que *o seu dom* dê frutos.

O padre Lepori, nos Exercícios da Fraternidade, mencionou esta ideia muito lindamente, ao falar da relação entre Pedro e João, “o mais ‘carismático’, o mais místico dos discípulos de Jesus”, em particular debruçando-se sobre a famosa cena da corrida de Pedro e João até o sepulcro, tal como está relatado no quarto Evangelho:

---

Ordem, e os dons carismáticos, livremente distribuídos pelo Espírito Santo, tem, portanto, a sua raiz última na relação entre o Logos divino incarnado e o Espírito Santo, que é sempre Espírito do Pai e do Espírito. Precisamente para evitar visões teológicas equivocadas que requeressem (levassem a) uma ‘Igreja do Espírito’ diversa e separada da Igreja hierárquica-institucional, é oportuno sublinhar que as duas missões divinas se implicam reciprocamente em todos os dons concedidos à Igreja” (Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 11).

<sup>22</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, Milão: Bur, 1996, pp. 215-222.

<sup>23</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 10.

<sup>24</sup> “‘Movimentos e novas comunidades’, a formação sobre os carismas”, *clonline.org*, 12 de julho de 2022.

<sup>25</sup> Lê-se na IE, citando *Lumen Gentium*, n. 7: “Em ordem à santificação de cada um dos membros do povo de Deus e à missão da Igreja no Mundo, entre os diversos dons, ‘sobressai a graça própria dos apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito sujeitou também os carismáticos’”.

“Toda a manifestação e a atuação de Cristo e do Espírito que o Ressuscitado sopra sobre os discípulos, todos os carismas (porque os carismas são a vida do Ressuscitado na vida da Igreja, na vida do mundo), tudo está certo se Pedro o confirma com sua experiência de Cristo presente e vivo. [...] João, que talvez seja o mais ‘carismático’ dos apóstolos, o mais afiado, o mais místico, o mais profético, o mais ardente no amor e na amizade com Cristo, longe de tirar de tudo um motivo para sentir-se superior, entendeu que nessa escolha do Mestre do primado de Pedro estava o caminho seguro para viverem os seus carismas seguindo Cristo. Já quando foi ao sepulcro na manhã de Páscoa, mesmo tendo corrido mais rápido que Pedro, ele para e espera. Por quê? Porque quer entrar no sepulcro seguindo Pedro, quer acreditar dentro de um seguimento, como aprendeu seguindo o próprio Jesus.”<sup>26</sup>

Por outro lado, Pedro é chamado não só a reconhecer os grandes carismas que o Senhor deu a João, mas até a alimentar-se deles, de modo que há um sentido em que Pedro é chamado a seguir João não menos do que vice-versa, “como quando [João] lhe disse: ‘É o Senhor!’ depois da pesca milagrosa. E aqui *Pedro*”, continua Lepori, “*obedece ao carisma de João*, pois este o ajuda a reconhecer o Ressuscitado presente, em direção ao qual Pedro foi o primeiro a ir lançando-se na água para que todos os outros pudessem, naquele momento e sempre, segui-lo até Jesus”.<sup>27</sup>

## 5. Autoridade e autoridade moral: da Igreja ao Movimento

Segundo destaque: desenvolvendo mais esta ideia, introduzida no magistério da Igreja por João Paulo II, Bento XVI acrescentou uma especificação importante para nós: essa coessencialidade, ou seja, essa unidade dinâmica de elemento institucional e elemento carismático, não diz respeito só à relação entre realidades carismáticas como CL e a autoridade da Igreja. Diz respeito também à vida interna das próprias realidades carismáticas – principalmente quando se trata de garantir continuidade e desenvolvimento a essas realidades após a morte do fundador.

Lê-se na *Iuvenescit Ecclesia*: “O Papa Bento XVI, além de sublinhar a sua coessencialidade, aprofundou a afirmação do seu predecessor recordando que ‘tal como na Igreja as instituições essenciais são carismáticas [isto é, nelas o Espírito Santo age eficazmente, pensemos nos Sacramentos], assim os carismas devem de uma forma ou de outra institucionalizar-se, para que haja coerência e continuidade. Assim, ambas as dimensões, originárias do Espírito Santo através do Corpo de Cristo, concorrem conjuntamente para tornar presente o mistério e a obra salvífica de Cristo no mundo’”.<sup>28</sup>

As duas dimensões “*con-correm conjuntamente*” para tornar presente Cristo – afirma o Papa Bento XVI –, mais ou menos como Simão e João, que *correm juntos* até o Sepulcro. E isso, note-se, *em toda e qualquer realidade eclesial*, inclusive numa realidade carismática como a nossa, se ela quiser durar no tempo. Pois bem, será que tudo isso é uma traição ao pensamento de Dom Giussani sobre o que o Movimento devia ser depois da sua partida? Dizer que na nossa realidade também é necessário existir esse entrelaçamento de autoridade objetiva e autoridade carismática, onde um elemento precisa do outro sem se confundir com o outro, é trair *a ideia do futuro do Movimento* que Dom Giussani tinha? Acho que temos de nos fazer seriamente essa pergunta. Eu tenho certeza de que não. Eu ouvi repetirem bastante, nestes meses, principalmente fazendo referência ao final do famoso texto “O maior sacrifício é dar a própria vida pela obra de um Outro”<sup>29</sup> – sobre o qual

<sup>26</sup> M. Lepori, *Cristo, Vida da vida*, op. cit., pp. 56-57.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>28</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 10.

<sup>29</sup> Agora em *Deixar marcas na história do mundo*, cuja passagem mais comumente citada foi republicada de forma definitiva: “Esta é a nossa virtude: a comparação com a originalidade do carisma por meio do efêmero de que Deus se serve. Aqui, reaparece a importância do efêmero. Por ora, a comparação, em última instância, é com a pessoa com quem tudo começou. Ela pode desaparecer, mas os textos que deixa e a sucessão ininterrupta – se Deus quiser – de pessoas indicadas como ponto de referência, como interpretação verdadeira do que aconteceu, tornam-se instrumento para a correção e para a renovação; tornam-se instrumento para a moralidade. A linha dos pontos de referência indicados é a

teremos tempo para nos debruçar –, que Giussani propõe uma visão da função da autoridade no Movimento que é análoga à da Igreja. Feitos os devidos esclarecimentos – esclarecimentos sobre os quais não posso me debruçar agora –, compartilho essa posição. Não há dúvida que Giussani proponha essa analogia. Mas a questão concerne exatamente ao modo como nós concebemos a autoridade na Igreja –: se a concebemos como fundada na unidade (mas também distinção) entre Pedro e João, entre elemento institucional e carismático, ou de maneira diferente, por exemplo teorizando que Pedro e João devam fundir-se *sempre e obrigatoriamente* numa única pessoa, o que quereria dizer que o chefe deveria ser o mais carismático, e o mais carismático – supondo que se consiga estabelecer quem é – deveria ser o chefe.

Permitam-me encerrar esta segunda consideração com uma citação de Dom Giussani. Como sabem, principalmente em textos que remontam aos anos noventa, Giussani costumava e adorava fazer uma distinção entre duas acepções diferentes da palavra autoridade, acepções que correspondem exatamente à polaridade Pedro/João de que estamos falando.<sup>30</sup> Nos Exercícios de 1993, por exemplo, perguntam a ele:

“Qual é a relação entre a autoridade do carisma e a autoridade moral pessoal?”

Eis a resposta dele: “A autoridade no carisma, sendo aqui muito simples, é aquela que a Igreja reconhece. A Igreja reconhece a responsabilidade de um carisma. A autoridade moral pessoal é dada pela participação que a pessoa vive a quem tem autoridade. Eu posso ter uma autoridade no carisma que interessa o Movimento, e pode haver a menor das pessoas entre vocês que vive esse carisma com tamanha vivacidade, com tamanha sinceridade e tamanha humildade, que me supera totalmente, e eu mesmo a olho e tento aprender o significado do carisma do qual eu sou guardião e guia. O significado desse carisma é revelado por aqueles que na simplicidade do coração vivem o dom concedido pelo Senhor e assim são autoridades de fato. A autoridade moral é a que solicita e edifica. A autoridade é quem assegura o caminho. A autoridade assegura o caminho certo; a

---

coisa mais viva do presente, pois um texto, por si só, pode até ser mal interpretado: é difícil que seja mal interpretado, mas pode acontecer” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 123).

<sup>30</sup> A respeito disto, é digno de atenção o seguinte texto, tirado de “L’autorità diventa preferenza”. In: *Tu (o dell’amicizia)*. Milão: Rizzoli, p. 1997, pp. 130-132: “Em primeiro lugar, é preciso distinguir a autoridade como momento da autoridade como tipo de presença, capacidade de presença que normalmente se torna chamado, que tende normalmente a tornar-se chamado: quando essa pessoa existe – você sabe –, essa pessoa, muito ou pouco, chama a sua atenção. Depois há, em terceiro lugar, a autoridade que na configuração, no organismo do corpo de Cristo, no organismo daquela porção do corpo de Cristo que é a companhia vocacional, assume um papel representativo do chamado. Aqui são apenas as respostas às perguntas de vocês que podem esclarecer, senão a pessoa faz um discurso analítico, se esforça para fazer um discurso analítico. Porque este terceiro caso deixa intacto o fato de a pessoa que cumpre esse papel, por si só, apontar para o Senhor, o fato de que apontar para o Senhor permaneça sendo o seu papel, a objetividade do seu papel. Pelo fato de haver um responsável da casa, a ideia de responsável da casa é um papel que aponta para Deus: por seu papel por sua estrutura, aponta para Deus. Pode ser, como pessoa, a pessoa que mais nos impede, tanto que aceitá-la nos dê trabalho ou exija superar várias impressões precedentes que estão no meio do caminho. De toda forma, são estes os três casos da autoridade como milagre. Primeiro, autoridade como acontecimento isolado, como momento excepcional em que a pessoa é chamada. Segundo, a autoridade como fisionomia de vida que torna normal a sua presença como algo que aponta para o Senhor: quando essa presença está, a gente se lembra do Senhor, cedo ou tarde, de um jeito ou de outro. E depois, terceiro, há a autoridade como milagre enquanto papel, porque o fato de existir uma autoridade última no mundo que diz a verdade, que julga todos os juízos dos homens do ponto de vista da verdade última – estou falando do Papa –, isso é um milagre absoluto. Mas que, num grupo de pessoas que se reúne porque o Senhor está presente, haja alguém que guia, reivindicando as palavras certas, julgando em última instância os comportamentos, que mesmo sem saber demonstrar tem um espírito consoante ao do Papa, isto também é um milagre. Pode não prestar e ter esse papel. Por isso, mesmo a autoridade como papel não deve ser negligenciada, mas desmascara a pureza do nosso olhar. E há que segui-la na medida em que comunica o conteúdo de seu papel, não na medida em que é a pessoa tal.

*Que quer dizer ‘comunica o conteúdo de seu papel’?*

Qual é o conteúdo de seu papel? Apontar para Cristo. Então se ela te diz: ‘Às 7h30 são as laudes’, está apontando para Cristo: é o conteúdo de seu papel. Se diz: ‘Agora vamos fazer silêncio. Nesta casa não há muito silêncio’, está chamando a atenção, cumprindo um papel, e pode ser que ela faça mal o horário de silêncio. Ou seja, aquilo que te ajuda não é a forma dela de se comportar, mas é o papel dela; é isso o que te marca. Ela diz: ‘Não, isto sim, isto não’, não como opinião, é o chamado de atenção para a regra”

autoridade enquanto reconhecida pela Igreja. A autoridade moral aquece os passos, embeleza o caminho, torna o percurso persuasivo, faz-nos mais capazes de sacrifício quando deve ser feito. A autoridade moral é uma santidade, a autoridade é uma tarefa”.<sup>31</sup>

## 6. Um corolário intrigante: por que Pedro, e não João?

Passo agora para a conclusão. O terceiro destaque, mais que um destaque é uma espécie de dupla provocação ou pergunta. A esta altura se poderia perguntar: por que foi que o próprio Jesus, o Senhor, quis dar esta forma à Igreja, quis que se desse esta polaridade entre carisma e instituição, entre João e Pedro? Resumindo grosseiramente – como meu irmão Pe. Paolo fez, ele que é um estudioso apaixonado do Evangelho de João –: se é verdade que todo o Evangelho de João não faz mais que insistir no fato de João ser o *discípulo amado*, o que mais esteve perto de Jesus nos momentos cruciais, o mais inteligente e profundo e até o mais obediente e dócil ao mestre, por que é que em João 21 Jesus dá a Pedro e não a ele a tarefa de apascentar as ovelhas? Por que Jesus escolheu Pedro, que até o negou, e não João para ser o chefe?

Enfim, deixo-lhes duas perguntas.

Primeira pergunta: por que o Senhor quis que se desse esta tensão irreduzível entre autoridade moral e autoridade, entre carisma e instituição, de modo a não haver um *ponto único* pelo qual passa toda a profecia, toda a graça, toda a ação do Espírito, mesmo havendo um *ponto último* que serve de critério de discernimento?

Segunda pergunta: porque Jesus não escolheu o mais carismático, como João ou Paulo, e sim Pedro para ser esse critério último de discernimento?

Não quero responder agora a essas perguntas. Convido cada um de vocês a refletir a respeito delas. É a maneira como podemos olhar para este momento e para o futuro da nossa companhia.

---

<sup>31</sup> L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, Milão: Rizzoli, 2020, p. 249.